



## DAMARIS CUDWORTH MASHAM E A CONSTRUÇÃO DA METAFÍSICA MODERNA

ARTHUR LEANDRO DA SILVA MARINHO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo é apresentado o pensamento da filósofa Damaris Cudworth Masham. Suas ideias filosóficas são uma resposta às principais teses filosóficas da Inglaterra no século XVII. Foi influenciada pelas teses do grupo dos platonistas de Cambridge e pelo pensamento de Locke. Damaris Cudworth Masham teve um pensamento filosófico inovador e nosso objetivo é fazer uma breve exposição do seu pensamento. Nosso ponto de partida foi uma reconstituição das principais questões filosóficas do contexto histórico da autora. Também apresentamos o debate entre Damaris e Leibniz e aqui expomos as principais teses filosóficas discutidas entre eles. Trata-se de um debate importante para compreensão da metafísica do século XVII. Neste debate, Leibniz esmiúça as principais teses do seu sistema filosófico com o intuito de persuadir Damaris Masham. É curioso como ela expõe suas críticas às teses de Leibniz e desenvolve suas teses originárias e críticas a respeito dos argumentos apresentados por ele. Damaris não está convencida das teses apresentadas, o que permite afirmar que a correspondência seja instigante e provocadora. Ao fim deste artigo, esperamos que seja possível uma compreensão ampla do legado filosófico de Damaris Cudworth na modernidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Damaris Cudworth Masham. Filosofia Moderna. Leibniz.

**ABSTRACT:** This article presents the thinking of the philosopher Damaris Cudworth Masham. His philosophical ideas are a response to the main philosophical theses of England in the 17th century. She was influenced by the theses of the Cambridge Platonists' group and Locke's thinking. Damaris Cudworth Masham had an innovative philosophical thought and our aim is to make a brief statement of her thinking. Our starting point was a reconstruction of the main philosophical questions of Damaris Masham's historical context. We also present the debate between Damaris and Leibniz and here we present the main philosophical theses discussed between them. This is an important debate for understanding 17th century metaphysics. In this debate, Leibniz scrutinizes the main theses of his philosophical system in order to persuade Damaris Masham. It is curious how she exposes her criticism of Leibniz's theses and develops her original and critical theses about the arguments presented by Leibniz. Damaris is not convinced of the theses presented, which allows us to affirm that the correspondence is provoking and provocative. At the end of this article, we hope that a broad understanding of Damaris Cudworth's philosophical legacy in modernity is possible.

**KEYWORDS:** Damaris Cudworth Masham. Modern Phylosophy. Leibniz.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: arthurlsmarinho@hotmail.com.

## 1. A vida e a obra de Damaris Cudworth Masham

Neste artigo apresentamos a filósofa Damaris Masham e sua relevância na filosofia moderna. Damaris Masham tem uma filosofia original e nosso intuito é apresentar aqui o seu pensamento filosófico. Apesar da forte influência do empirismo de Locke em seu pensamento maduro, Masham nunca abandonou completamente sua influência platônica herdada do seu pai e, de forma única, essas concepções se encontram na filosofia dela.

A filósofa Damaris Cudworth Masham nasceu na Inglaterra em 18 de janeiro de 1659. Faleceu em 20 de abril de 1708. Desde pequena, a jovem Damaris se destacava no desejo de aprender e também pela sua piedade incomum:

Damaris Masham nasceu em Cambridge em 18 de janeiro de 1659 e foi educada por seu pai, o platonista de Cambridge Ralph Cudworth. De acordo com George Ballard, Masham desenvolveu o desejo de "aprendizado e piedade incomum" em sua juventude. Ela conheceu o filósofo John Locke por volta de 1681 e se tornou sua amiga e correspondente por mais de vinte anos. Locke viveu com Masham e seu marido, Sir Francis Masham, em Essex nos últimos treze anos de sua vida. (BROAD, 2004, p. 116, tradução nossa).<sup>2</sup>

Damaris Cudworth Masham é filha de Ralph Cudworth, um conhecido platonista e professor da Universidade de Cambridge. Assim, muito cedo Damaris teve contato com a filosofia. Ralph Cudworth foi um dos filósofos ilustres do grupo conhecido como "Platonistas de Cambridge". Ele escreveu dois livros importantes, um foi o *Tratado sobre Moralidade eterna e imutável*. Este livro foi publicado postumamente em 1731 e trata do desenvolvimento histórico da Filosofia Moral britânica. As ideias expostas neste livro é uma resposta à doutrina hobbesiana de que as leis morais são discriminadas pelo Estado e essa resposta é dada de acordo com a perspectiva platônica. O outro livro é um tratado de metafísica, intitulado *Verdadeiro sistema intelectual do universo*, e foi publicado em 1678. Contudo, somente a primeira parte do livro foi publicada. Este trabalho foi suficiente para estabelecer uma reputação internacional a Ralph Cudworth. Nesta obra, ele procura defender uma filosofia atomista vitalista contra o ateísmo materialista. Assim como Leibniz, Ralph Cudworth segue a ideia de que nada vem do nada, como também a ideia de que os corpos se formam a partir de outros simples. A matéria jamais é causa dela mesma. O livro de Ralph chamou a atenção na época porque nele foi apresentado o argumento do mediador plástico, que representa o resgate do pensamento platônico da "alma do mundo", cujo intuito seria explicar as leis naturais. O mediador plástico

---

<sup>2</sup> Todas as traduções contidas neste artigo são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

de Cudworth é uma entidade, um princípio orgânico, que estabelece a unidade entre o corpo e alma. Então, a função do mediador plástico seria unir o espírito à matéria e para tal finalidade participaria da natureza de ambos. A visão de Cudworth e Leibniz a respeito da natureza tem uma afinidade, pois ambos pretendem um distanciamento da perspectiva puramente mecanicista da natureza. O fato é que eles têm algo em comum: seguindo ideias antimecanicistas, eles cultivam a noção de que há uma unidade primordial, simples e indivisível que estabelece um elo norteador na natureza. Este argumento da natureza plástica gera uma grande controvérsia entre Bayle contra Le Clerc. Lady Masham se preocupa com as críticas levantadas por estes filósofos a respeito da natureza plástica. Na verdade, Lady Masham, nas correspondências com Leibniz, se propõe a aproximar a filosofia de Leibniz do sistema filosófico do seu pai, Ralph Cudworth.

Temos conhecimento que Lady Damaris Cudworth Masham foi autora de um livro anônimo e polêmico intitulado “*Um Discurso concernente ao Amor de Deus*”, publicado em 1696, texto em que ela mostrou um alinhamento com a filosofia de Locke.

Em 1696, apareceu uma resposta contundente às cartas de Astell - Norris em uma obra anônima intitulada *Um Discurso concernente ao amor de Deus*. Este pequeno artigo foi escrito por Damaris Masham, filha de Ralph Cudworth e amiga íntima do filósofo empirista John Locke. Ignorando as críticas de Astell a Norris, Masham ataca os dois escritores por adotar uma teoria moral impraticável ou "sem utilidade", em vez de baseada no senso comum. Ela acusa Astell e Norris de se oporem ao "senso e experiência do cotidiano de toda a humanidade". É óbvio, ela diz, que as criaturas são projetadas para uma vida sociável e que não podem mais amar e desejar somente a Deus do que os peixes podem voar no ar. (BROAD, 2004, p. 114, tradução nossa).

O texto de Damaris Masham foi publicado de forma anônima. Foi sua resposta à discussão entre Astell<sup>3</sup> e Norris<sup>4</sup> e nele Masham critica os dois interlocutores por extrapolarem a experiência, e, com isso, a teoria moral deles seria sem utilidade. Ela acredita que vivemos para vida em sociedade e, por isso, as criaturas não foram feitas apenas para amar e reconhecer o amor de Deus. A teoria política de Masham era projetada para uma sociedade em que a vida concreta, real e sensível pudesse ser viável. Além disso, Damaris Cudworth Masham foi amiga

---

<sup>3</sup> Mary Astell foi uma filósofa inglesa. Nasceu em Newcastle, em 1666. Faleceu em 1731. Acredita e propaga a ideia de que a mulher é tão racional quanto o homem e, por isso, deve ter o mesmo direito à educação formal. Toda a sua obra foi publicada anonimamente e tem uma filosofia genuína, tendo em vista que pensa a educação formal de mulheres, laica e religiosa.

<sup>4</sup> John Norris nasceu em 1657 e faleceu em 1711. Foi um filósofo inglês e continuador do pensamento cartesiano na Inglaterra do século XVII, onde o pensamento empírico de Locke se popularizava no meio filosófico.

muito próxima de John Locke e se aproxima das suas ideias empiristas contra o abstracionismo da filosofia.

Masham tem sido descrita de várias maneiras como uma "admiradora" de Locke, alguém que adotou as opiniões de Locke, uma "feminista lockeana" e uma "clara e ardente expoente" das ideias de Locke. Outros ainda mantiveram o fato de Masham ser fiel a Locke quando aluna, ou como ela escreveu, "sob a inspeção do Sr. Locke". (BROAD, 2004, p. 115, tradução nossa).

Damaris estabelece uma profunda e intensa correspondência com Locke na década de 1680, período em que Locke se exila na Holanda, e, com isso, temos um registro importante do período de exílio de Locke graças à sua correspondência com Damaris Masham.

Damaris Masham foi casada com Francis Masham desde 1685, o que tornou Locke, além de amigo pessoal, uma pessoa íntima do casal, tendo em vista que Locke passou um tempo, já no final da sua vida, como hóspede do casal, quando eles moravam em Oates, no condado de Essex. Segundo Broad (2004), Locke nutria forte admiração por Damaris Masham:

como "mulher extraordinariamente talentosa". "A mulher de si mesma", diz ele, está tão ocupada com o estudo e a reflexão sobre questões teológicas e filosóficas que você encontra poucos homens com quem possa se associar e obter maior lucro e satisfação. As primeiras cartas de Masham a Locke revelam uma sólida compreensão das visões neoplatônicas de Cudworth, Henry More, John Smith e Joseph Glanvill. Também é possível que Masham tenha ouvido falar dos escritos de Anne Conway. John Covel escreve sobre uma ocasião em que Conway esteve com Cudworth, no colégio do cristo Mestre em Cambridge; e a mãe de Masham, Damaris Cradock, era prima em segundo grau de Conway. Francis Mercury van Helmont, um dos amigos mais próximos de Conway, também era um dos convidados de Masham em sua casa em Essex, e Leibniz se refere a Conway em uma carta a Masham, dizendo que ele não teria se aventurado a discutir assuntos intelectuais com uma mulher se ele não conhecesse a perspicácia de outras damas inglesas, como a 'Senhora Condessa de Connaway'. (BROAD, 2004, p. 117, tradução nossa).

Masham foi uma mulher extraordinária no seu tempo a ponto de chamar a atenção pela qualidade de sua produção filosófica. Ela teve uma vida muito produtiva, como as comentadoras apontam, inclusive pela grande quantidade de interlocutores. Ela escreve em 1705 uma nova obra anônima. Além disso, ela se correspondeu com muitas personalidades conhecidas da filosofia em seu tempo. Entre elas, estão Limborch, Leibniz, Anthony Cooper, Jean Le Clerc, além de Locke.

Além do *Discurso*, Masham escreveu outra obra filosófica, *Occasional Thoughts in Reference to a Vertuous or Christian Life*, publicada anonimamente em 1705. Entre seus documentos existentes, há cartas para Locke, Limborch, Leibniz, Anthony Ashley Cooper (o terceiro Conde de Shaftesbury) e Jean Le Clerc, incluindo o primeiro esboço biográfico de Locke e vários poemas. Masham também teve uma correspondência com John Norris antes da publicação do *Discurso*. Em 1688, Norris dedicou sua *Theory and Regulation of Love* a Masham, referindo-se a ela “Com estima, cuja sua Senhoria, enviei meus escritos anteriores”. Ele a elogia como “uma pessoa de tão bom e refinado conhecimento, a quem a natureza e sua curiosidade sozinha conspiraram para realizar além do que o tempo atual pode registrar, ou (a menos que sua senhoria seja persuadida a legar algum monumento do seu gênio extraordinário para o mundo) o futuro sempre acreditará”. Em suas *Reflexões sobre a Conduta da Vida Humana* (1690), Norris também elogia Masham por ser “profunda conhecedora” das obras de Descartes e Malebranche. Deve ter sido uma triste ironia para Norris que o “monumento” intelectual no *Discurso* fosse um ataque evidente à sua filosofia. A ruptura de Masham com Norris foi pessoal e filosófica: em 1692, Locke acusou Norris de quebrar o selo de cera em uma de suas cartas a Masham; e Masham aparentemente ficou ofendido quando Norris falhou ao omitir uma referência equivocada a seu “silenciamento” na primeira edição das *Reflexões*. Ao mesmo tempo, Masham também se tornou simpática às visões empiristas de Locke, residente permanente em sua casa desde 1691. (BROAD, 2004, p. 117-118, tradução nossa).

John Norris, teólogo, filósofo, poeta e membro do grupo dos platonistas de Cambridge, também é um dos correspondentes de Masham. Ele, assim como muitos intelectuais deste século, elogia e admira Masham por seu profundo conhecimento nas obras de Descartes e Malebranche.

### 1.1. A influência filosófica de Damaris Masham

A influência filosófica de Lady Masham é curiosa e reflete uma mulher antenada ao seu tempo. Nos seus argumentos, ela baseia sua filosofia numa perspectiva filosófica que tem como pressuposto:

1. A defesa do *conhecimento comum*, de acordo com Edward Stillingfleet<sup>5</sup>, que foi teólogo e bispo de Worcester;
2. A epistemologia do *Ensaio* de Locke.

Essa combinação é interessante, tendo em vista que o bispo Edward Stillingfleet é conhecido como um adversário de Locke. Acontece que Masham combina essas duas perspectivas filosóficas para desafiar a perspectiva filosófica de Norris e Astell. Edward

---

<sup>5</sup> Edward Stillingfleet (1635-1699) destacado teólogo britânico e reconhecido pela ortodoxia anglicana.

Stillingfleet sustenta que as explicações teológicas e filosóficas do mundo devem corresponder a um conhecimento comum, ou seja, um conhecimento que parta da realidade concreta. Podemos, inclusive, dizer que Stillingfleet passa todo o conhecimento na navalha do conhecimento concreto, pois em seus escritos ele utiliza a metodologia de que o conhecimento nunca deve ir além dos limites dos sentidos, o que seria desnecessário. Sua metodologia é usada dentro de uma lógica pela qual o anglicanismo ortodoxo precisa se defender de uma devoção ininteligível e, por isso, toda prática e devoção devem partir do conhecimento comum, concreto.

Seguindo a liderança de Stillingfleet, Masham pretende mostrar que uma teoria religiosa ou moral baseada no ocasionalismo está "fora do alcance do conhecimento comum". Ela acredita que "se fosse geralmente recebido e pregado por nossos superiores, que essa opinião de ver todas as coisas em Deus era a base sobre a qual o cristianismo foi construído, o ceticismo estaria tão longe de encontrar uma cura, que se espalharia muito mais entre nós do que já foi feito". Em seu *Discurso*, ela mira a visão de Astell-Norris de que a humanidade é obrigada estritamente, como seu dever, a amar com desejo, nada além de apenas Deus", bem como o argumento metafísico que Norris oferece em apoio a essa crença: "Deus, não a criatura, é a causa imediata e eficiente de nossas sensações." No primeiro caso, Masham difere de Astell, mas no segundo ela traz quase as mesmas objeções ao ocasionalismo de Norris. Nos dois casos, Masham é contra os teóricos que defendem uma transcendência ou conquista do mundo material em favor de uma vida dedicada exclusivamente à mente racional. (BROAD, 2004, p. 119, tradução nossa).

Masham critica o ocasionalismo entre os teóricos do seu tempo, especificamente o ocasionalismo de John Norris. Pois, segundo ela, nenhum ser humano nasce com a noção de que deve amar e desejar a Deus, isso não é uma verdade auto evidente na concepção de Damaris Masham. Só é possível amar a Deus se previamente houver a ideia de amor, essa é primeira sensação de prazer nas nossas intersecções. Por isso, o sujeito humano deve se conhecer e agir a partir de uma proposta concreta e comum da sociedade. Nesta perspectiva, sua ideia de amor se origina nas nossas sensações e, assim, há uma rejeição a toda e qualquer ideia que se aproxime de um abstracionismo. Por esta razão, a perspectiva filosófica de Masham é caracterizada como um discurso associado à superação da razão masculina, pois o amor às outras criaturas é necessário para amar a divindade e a ideia de amor só é possível graças à experiência sensorial entre as criaturas.

## 2. O debate entre Damaris Masham e Leibniz

Leibniz tem conhecimento do sistema filosófico pensado por Ralph Cudworth durante sua estadia em Roma, na primavera de 1689. Leibniz escreveu comentários das partes que particularmente o interessavam ou com as quais ele entrava em concordância. Por volta de 1704, Leibniz recebe uma cópia do livro de Ralph. Pierre Bayle havia elaborado uma crítica à

natureza na perspectiva de Cudworth e Leibniz é convidado por Bayle a entrar no debate a respeito da natureza humana. Logo, Leibniz apontará que algo mais do que leis mecanicistas seria necessário para explicar a ordem da natureza. Sem dúvida, Leibniz entra no debate através de Damaris Masham, por isso ele escreve *Systhème Nouveau* como resposta aos questionamentos levantados por ela. Além disso, Damaris pretendia defender Ralph Cudworth das críticas de Bayle, pois ela acreditava que a acusação de que seu pai compactuava com as teses do cartesianismo seria infundada. Da mesma forma, Damaris não concorda que o sistema filosófico de Ralph Cudworth recusa que Deus é a causa das leis da natureza. As naturezas plásticas concretizavam o poder de Deus, por isso ela acreditava que elas não se configuram como ameaças ao poder divino.

Leibniz teve uma breve correspondência com Lady Masham, no ano de 1704-1705, cuja finalidade seria, a princípio, uma solicitação para obter uma cópia do texto “True Intellectual System of the Universe”, de autoria de Ralph Cudworth, pai de Damaris. Sem dúvida, Leibniz sabia que Locke estava na casa de Damaris e esperava que ela mostrasse suas cartas ao seu amigo Locke e, desta forma, as respostas de Damaris Masham seriam orientadas por Locke. Parece que não aconteceu como Leibniz esperava. Algumas das críticas de Damaris, como, por exemplo, a resposta à questão da harmonia pré-estabelecida, da liberdade das criaturas e a questão de que Deus não precisava criar corpos, sem dúvida foi a resposta de uma mente independente. Ela não se aproxima das expectativas de Leibniz e, desta forma, registrava o genuíno pensamento da mulher e filósofa Damaris Masham.

A correspondência entre Leibniz e Damaris foi iniciada em 1703. Leibniz diz para Damaris que ele próprio havia feito uma pequena contribuição sobre aquilo que foi apresentado por Bayle sobre Cudworth, e que já a havia encaminhado para Bayle. Acontece que Masham pediu esclarecimentos visto que, segundo ela, não conseguia ter ideia clara do que o próprio Leibniz havia dito.

Em sua resposta, Leibniz respondeu com uma explicação do seu sistema na ideia de que a natureza é uniforme, o que o leva a pensar que existem seres ativos, formas, almas, mentes como nós em todos os lugares da matéria. (WOOLHOUSE & FRANCKS, 1997, p. 202, tradução nossa).

Esta troca de correspondência entre Leibniz e Masham é um documento importantíssimo para compreensão das ideias e do sistema de Leibniz. Nela, ele terá que explicar com detalhes seu “Novo Sistema” para alguém, como Damaris, que tinha um espírito crítico para com quaisquer princípios filosóficos que extrapolassem o conhecimento comum da sociedade. Por isso, Leibniz se esforça para evitar o abstracionismo de sua teoria nas

correspondências com Lady Masham. Consequentemente, com o intuito de entender a teoria de Leibniz, Masham começa a expor suas críticas e dúvidas. Ela chega a levantar críticas sobre como o sistema filosófico pensado por Leibniz possibilita um ambiente para compreensão da liberdade e do livre arbítrio.

... Eu ficaria feliz em ter uma visão mais aprofundada do mundo intelectual; e, portanto, teria de bom grado as concepções corretas do sistema que você propõe. Para esse fim, após o recebimento da sua carta de agradecimento, examinei o artigo sobre Rorarius na primeira edição do dicionário M. Bayle (não tendo a segunda para mim), e sendo sua contribuição dirigida ao *Journal des savants* 1695, eu li o que foi publicado sobre isso. Talvez o fato de não estar acostumada a tais especulações abstratas tenha me feito não compreender bem o que você diz sobre "formas", sobre as quais penso que constrói sua hipótese: pois (como me parece), às vezes as chama de "forças primitivas" [forças primárias], às vezes "des âmes" [almas], às vezes "formas constitutivas das substâncias" e às vezes as próprias substâncias; mas ainda não existem espírito, nem matéria, de onde confesso que não tenho uma ideia clara do que você chama de "formas"...

Tomo a liberdade, portanto, de pedir o favor de que, com alguma explicação ou definição delas, me ajude a conceber quais são suas "formas"; pois não posso deixar de desejar entender um sistema que me é recomendado não apenas pela eminência de seu autor, mas principalmente por tender a ampliar nossa ideia das perfeições divinas e da beleza de suas obras. Se você quiser adicionar resumidamente a soma de suas respostas às objeções de M. Bayle na segunda edição de seu Dicionário, será uma obrigação adicional dar-me ainda mais luz sobre esse assunto... (MASHAM, 1997, p. 203-204, tradução nossa).

Essa é a resposta de Lady Masham após Leibniz ter dito que acrescentou um pouco ao sistema do pai dela. Masham tenta fazer de Leibniz um aliado do argumento de natureza plástica. Ela analisou as críticas de Bayle no *Dictionnaire Historique et Critique* e no seu entender eram argumentos sem nenhum fundamento contra o sistema filosófico de Ralph Cudworth. Masham, com o intuito de salvaguardar o sistema filosófico do pai, aproveitou-se das correspondências com Leibniz. Com isso, ela pretende expor os argumentos em defesa de Ralph contra as críticas e interpretações levantadas por Bayle nas correspondências com Leibniz. O sistema da harmonia preestabelecida entre as substâncias seria a contribuição que Leibniz afirma ter feito.

Além disso, Leibniz também havia dito que havia uma resposta a Bayle ainda não publicada. Essa resposta havia sido escrita após ele reconhecer que havia uma novidade. Após receber a carta da Lady Masham, Leibniz continua argumentando que é a favor de um princípio da natureza em que os organismos variem em seus modos, graus e perfeições. Nesta direção, ele defende que existem organismos simples dotado de ação e percepção. Por isso, existem seres monadológicos em toda a parte da matéria e, consequentemente, essas unidades

substanciais são diferentes de acordo com a maneira de perceber e organizar a realidade. E, sendo os princípios de percepção chamados formas, enteléquias, almas ou mentes, conseqüentemente, são coisas que não podem ser alteradas.

No "Système Nouveau", Leibniz expressa sua teoria da verdadeira relação entre a alma e o corpo. Na primeira metade do ensaio, ele afirma que a matéria não passa de uma coleção ou agregação de partes. Localizados na matéria estão certos princípios de ação e percepção que Leibniz chama de "formas substanciais", "átomos de substância", "almas", "primeiras enteléquias" e "forças primárias". A natureza dessas formas substanciais consiste em uma força; são os incorpóreos que, quando unidos a uma massa extensa, organizam-na em um corpo unificado. A alma humana é como um tipo superior de forma substancial, dotada da capacidade de abstração e formação de ideias universais. Sobre a questão da interação alma-corpo, Leibniz diz que não consegue encontrar uma maneira inteligível de explicar como o corpo transmite ou comunica algo à alma, ou vice-versa. No entanto, apesar de concordar que nenhuma substância criada tenha influência real sobre outra, Leibniz rejeita o ocasionalismo. Ele diz que os defensores dessa teoria têm uma preferência inaceitável por milagres em vez de explicações naturais, e que a "razão e ordem da sabedoria divina exige que não façamos nenhum recurso desnecessário a milagres". Em vez disso, ele afirma, existe uma "união perfeita" ou uma "adaptação da alma ao corpo". Deus criou a alma para que tudo surja nela de sua própria natureza interior, com uma perfeita conformidade com as coisas externas. (BROAD, 2004, p.127-128, tradução nossa).

A temática desenvolvida ao longo da correspondência entre Leibniz e Masham trata da relação entre alma e corpo. Essa discussão é importante, tendo em vista que Leibniz já tinha em mente e expunha nas correspondências com Lady Masham suas primeiras definições da *mônada*, ou seja, da unidade mínima explicativa da realidade. Por esta razão, a matéria é um agregado de mônadas. A natureza dessas unidades simples consiste em uma força motriz intrínseca, incorpórea. A preocupação de Damaris Masham é que as explicações não sejam abstratas. Então, a união da alma com o corpo é um problema que Leibniz terá que esmiuçar para que não beire o abstracionismo. De toda forma, tanto Leibniz como Masham rejeitam o ocasionalismo nas teses expressas por Leibniz. Os milagres seriam uma espécie de extrapolação da ordem natural imposta pelo criador. Deste modo, Leibniz, ao explicar a realidade, afirma a Lady Masham que os organismos monadológicos estão em toda a parte e sempre em graus variados de perfeição. Isso faz com que Masham julgue a inteligibilidade da teoria de Leibniz, composta por organismos simples, possíveis de serem organizados e pensados.

Leibniz pretende expor o argumento da harmonia pré-estabelecida, onde os organismos monadológicos agem uns sobre os outros de acordo com leis mecânicas. Por outro lado, as almas distinguem-se em si mesmas por ações internas, ou seja, os movimentos da alma afetam o comportamento da matéria. Por esta razão, Deus não perturba as leis naturais dos corpos e,

para explicar as leis da natureza, Leibniz argumenta que Deus havia criado almas e corpos de modo que as leis da alma e do corpo se combinam um no outro, e, deste modo, ele constrói uma crítica forte às teses mecanicistas da modernidade. Há uma uniformidade na natureza e a racionalidade das leis da alma e do corpo têm leis próprias e separadas. Isso faz com que Lady Masham esteja preocupada que as opiniões e argumentos expostas por Leibniz sejam coerentes e de acordo com um conhecimento comum, sem abstracionismo. E, por isso, Masham expõe o resumo abaixo com o intuito de que Leibniz explique seus argumentos:

[3] Você tem como certo que “existe em nós um ser simples, dotado de ação e percepção”. O mesmo, você diz, “diferindo apenas na maneira de percepção, está na matéria em todo lugar”. Que o "ser simples" em nós, que é chamado de alma, se distingue dos animais (e ainda mais de outros corpos ao nosso redor) pelo "poder da abstração" e da estruturação de ideias universais. Todos esses "seres simples" que você pensa que sempre haverá, desde que existiram tiveram "corpos orgânicos, proporcionais à sua percepção". Para que não apenas após a morte a alma permaneça, mas também o animal. Geração e morte sendo apenas uma exibição ou ocultação desses seres para, ou a partir de, nossa visão. O mesmo princípio de uniformidade nas obras da natureza que o levou a acreditar nisso que diz, levou você também ao seu sistema de "harmonia pré-estabelecida entre as substâncias", a qual eu entendo assim. (MASHAM, 1997, p. 208, tradução nossa).

Damaris Masham já havia comentado que, a partir da hipótese de Leibniz, seria possível uma aproximação com a ideia da sabedoria de Deus em suas obras, ou seja, a ideia de Deus sem abstracionismo. Por isso, o argumento de Leibniz parece ser favorável a ela. Acontece que, para Damaris estabelecer um julgamento correto acerca das hipóteses da filosofia de Leibniz, ela vai argumentar e criticar todos os pontos que precisam de uma conceituação mais precisa, inclusive para que ela não julgue as teses de Leibniz abstratas ou sem conexão com a realidade.

Leibniz e Damaris vão reconstruindo minuciosamente todo o novo sistema leibniziano e daí a grande importância para o esclarecimento de alguns pontos da filosofia moderna e leibniziana que passam a ser melhores compreendidos a partir do direcionamento proposto por Damaris na discussão. Sendo assim, ela vai reconstruindo o argumento apresentado:

[4] Qualquer ação da alma sobre a matéria, ou da matéria sobre a alma, é inconcebível: esses dois têm suas leis distintas. Os corpos seguem as leis do mecanismo e tendem a mudar “segundo as leis do movimento [movendo forças]”. As almas produzem em si mesmas ações internas e tendem a mudar de acordo com a percepção de que têm o Bem ou o Mal. Agora a alma e o corpo seguem cada uma suas leis apropriadas, e nenhuma delas age assim sobre ou afetando a outra, tais efeitos ainda são produzidos a partir de uma harmonia pré-estabelecida entre essas substâncias, como se houvesse uma comunicação real entre elas. De modo que o corpo, agindo constantemente por suas próprias leis de mecanismo, sem receber nenhuma variação ou mudança de qualquer ação da alma, corresponde sempre às paixões e percepções que a alma tem. E a alma, da mesma maneira, embora não seja operada pelos movimentos da matéria, ainda age, ao mesmo tempo que o corpo, de acordo com suas leis de mecanismo, certas percepções ou

modificações que não conseguem responder à matéria. (MASHAM, 1997, p. 208-209, tradução nossa).

Deste modo, Masham discute a relação da alma com a matéria e aponta que, realmente, o corpo e a alma têm leis distintas. O corpo segue as leis da mecânica e a mecânica está sujeita a leis do dinamismo e do movimento. A alma, por sua vez, tem movimentos internos e segue as suas leis próprias, isso faz com que as consequências das ações da alma sejam boas ou más. Por esta razão, não há interferência entre as leis do corpo na alma, nem das leis da alma no corpo. E esses efeitos ocorrem, na interpretação de Masham, como se houvesse uma comunicação entre todas as substâncias de forma que entre elas não há variação ou mudança do corpo a partir da alma, nem da alma a partir do corpo. Masham percebe uma aproximação entre o sistema filosófico de Ralph Cudworth e o sistema de Leibniz. Comentadoras interpretam que

Na questão da genuína interação alma-corpo, Leibniz diz que não consegue encontrar uma maneira inteligível de explicar como a alma exerce uma influência causal no corpo, ou vice-versa. Mas Masham não pode aceitar sua teoria não-interacionista da causação pela mesma razão que ela não pode aceitar o ocasionalismo: torna a matéria redundante e supérflua. Em vez disso, Masham parece preferir um ponto de vista alternativo, quase antidualista, que combina os pressupostos de Cambridge - platonista e lockeano - sobre as substâncias: a visão de que toda substância tem extensão e pensamento são importantes. (BROAD, 2004, p.135, tradução nossa).

A relação entre alma e corpo e sua relação com o sistema da harmonia pré-estabelecida são problemas que precisam ser esmiuçados na correspondência de Leibniz com Lady Damaris Masham. Ela não pode aceitar a teoria da causação de Leibniz da mesma forma que não aceita o ocasionalismo, a explicação de Leibniz não pode ser abstrata para que o argumento seja satisfatório. Parece que Damaris tem algumas ressalvas com relação aos posicionamentos de Leibniz, a visão dela é marcada pela possibilidade de conciliação do platonismo com a perspectiva de Locke. Este argumento propõe que as investigações em filosofia tenham como pressuposto que os organismos na natureza sejam seres simples. Por isso, argumenta Damaris Masham:

[6] Mas essas investigações ou outras que possam estar em outros pensamentos me ocorrem, são menos pertinentes para mim do que aquelas que são mais fundamentais, embora não respeitem sua hipótese. Formas, explicadas por você para significarem “seres simples”, você chama de “átomos de substância” e “forças primitivas”, a natureza das quais você em outro lugar diz que acha “consistirem em força” (MASHAM, 1997, p. 209, tradução nossa).

Damaris Masham acredita que os seres simples entendidos como “forças” necessitam serem detalhadamente explicados. Na perspectiva de Damaris, a compreensão de átomos da substância, percebidos como forças primitivas, extrapola a experiência comum e são arranjos argumentativos distintos assumidos por Leibniz. Esses seres simples seriam como átomos da substância, além disso seriam forças primitivas, assim, por serem simples, seriam forças primárias. São simples e, ao mesmo tempo, dotados de força motriz. Argumenta Damaris Masham:

[7] “Força”, presumo, não pode ser a essência de nenhuma substância, mas é o atributo do que você chama de “forma”, “alma” ou “átomo de substância”, da essência do qual não encontro nenhuma ideia positiva, e sua negação de que tenham alguma dimensão torna sua existência, confesso, inconcebível para mim, como não sendo capaz de conceber uma existência daquilo que não existe em nenhum lugar. Se a localidade dessas substâncias foi explicada pelo seu ser, como você diz, sempre em corpos organizados, elas estão em algum lugar: mas se esses “átomos de substância” estão em algum lugar, então eles devem ter alguma extensão que você nega; que, penso, também colocam a união da alma com seu respectivo corpo em nada mais que correspondência ou conformidade pela qual, em virtude de uma “harmonia pré-estabelecida”, almas e corpos agindo separados, cada um por suas próprias leis, os mesmos efeitos são produzidos como se houvesse uma comunicação real entre eles. Embora eu compreenda perfeitamente seu significado nesta parte, estou em dúvida. (MASHAM, 1997, p. 209-210, tradução nossa).

Uma força não pode ser essência de qualquer substância, Damaris diz que força é um atributo da substância. Os átomos da substância são explicados a partir da sua existência em um lugar e a negação da espacialidade é inconcebível para Damaris. O corpo e a alma agindo por suas próprias leis se comunicam e, desta forma, a comunicação entre alma e corpo na perspectiva da harmonia pré-estabelecida carece de uma explicação detalhada. Por isso, ela pensa a noção de força na perspectiva trazida por Leibniz. A força não é a essência da substância. A essência da substância não se encontra em nenhuma ideia e a negação da essência é algo inconcebível. Os átomos das substâncias, ou mônadas, são espirituais e a união da alma com o corpo, também, a harmonia preestabelecida deve ser pensada a partir da comunicação da alma com o corpo, mesmo que agindo separados e por leis próprias. Por isso, ela é questionadora das teses demonstradas por Leibniz, mesmo julgando serem favoráveis. Masham faz algo novo, aproxima as teses de Ralph Cudworth com os pressupostos filosóficos leibnizianos. Damaris Masham percebe que há uma concordância entre Ralph Cudworth e Leibniz em relação à tese vitalista da natureza, onde as substâncias são dotadas de percepção e apetite, como também há um comprometimento com a imortalidade dos princípios da vida. Logo, a morte e a vida para eles seriam apenas transformações da existência. Contudo, há uma divergência porque Leibniz

acredita que as alterações no corpo são uma decorrência das propriedades intrínsecas e virtuais das mônadas.

As críticas de Damaris ao ocasionalismo e à harmonia pré-estabelecida ocorrem pelo fato dela acreditar numa razão ordenadora da natureza e nada na natureza acontece sem esse ordenamento racional, nem as teorias mecânicas e nem qualquer outro sistema metafísico abstrato. Deus estabelece a ordem na natureza e nada passa despercebido a esta lei natural e racional. Damaris aponta que muitas das teorias modernas colocam Deus como um mero espectador ocioso da sua criação, como o sistema mecanicista. Por este motivo, o pensamento filosófico de Damaris Masham faz duras críticas aos sistemas filosóficos da modernidade. Também, o fato das mônadas serem entidades espirituais pode gerar uma confusão, precipitadamente, a respeito da possibilidade de Leibniz ser um ocasionalista.

Enquanto Masham é apaixonada por defender as visões de seu pai, em outras partes da correspondência com Leibniz ela expõe suas próprias teorias independentes sobre substância, reunindo as visões de Locke e Henry More. Em uma carta destinada a Leibniz (8 de agosto de 1704), Masham argumenta contra o sistema de harmonia pré-estabelecida, afirmando que ele não tem ideia positiva da essência dos "átomos da substância". (BROAD, 2004, p. 133, tradução nossa).

Masham é uma profunda conhecedora das teses platônicas de seu pai Ralph Cudworth. Acontece que nas suas correspondências com Leibniz, Damaris Masham expõe seus argumentos de forma independente e original. Sua visão de mundo, além do platonismo do seu pai, é uma associação das teorias de Locke e Henry More, conhecido platonista de Cambridge. Masham argumenta contra a ideia de átomos da substância e da harmonia pré-estabelecida porque suas ideias estão afinadas com o pensamento de More que argumenta a favor da extensão da alma. Além disso, quando Lady Masham percebe que as correspondências não promoveriam a explicação das ideias do seu pai, logo ela encerra a discussão, pois continuar esse debate apenas promoveria o pensamento de Leibniz.

De forma singular, Damaris organiza em seu sistema filosófico as ideias platônicas com o empirismo de Locke em contraposição às ideias de Leibniz, isso significa que ela não é dependente da filosofia de Locke, ao contrário, ela cria uma perspectiva filosófica única na modernidade. Ela acredita que não é possível formar uma concepção clara a partir da ideia de uma substância não extensa. Consequentemente, Lady Masham tem uma concepção própria acerca da extensão e, por isso, os mesmos princípios que levam Masham a afirmar que todas as substâncias são extensas estabelecem sua autonomia em relação a perspectiva de Locke.

Curiosamente, Damaris Masham insistentemente reconstrói o sistema filosófico de Leibniz com o intuito de compreender os pontos em que ele deixava brechas interpretativas.

Por esta razão, seu trabalho é muito importante. Ela foi uma figura filosófica que não se convencia facilmente e para quem o argumento filosófico precisava estar muito bem exposto para esta concorde com os pressupostos filosóficos por ela assumidos. A concepção moderna da matéria na perspectiva de Masham tem um significado feminista. Para os filósofos modernos a conexão entre a matéria e a natureza plástica não faz muito sentido. Essa concepção é entendida por Masham como uma difamação da matéria:

Mas, nos escritos de Masham, não existe tal difamação da matéria, natureza e corpo; em vez disso, as coisas materiais são uma característica necessária da realidade, capazes de interagir com os espíritos. (BROAD, 2004, p. 135-136, tradução nossa).

Masham acreditava que muitas concepções modernas a respeito da relação entre alma e corpo estavam equivocadas. Além disso, a concepção de matéria na modernidade não aponta nenhuma conexão entre o mundo real e a inteligência suprema. E essa separação entre mente e matéria é uma característica típica da filosofia ocidental moderna. A concepção de Masham da matéria é uma concepção extremamente responsável com o amor pelos corpos e não uma associação metafórica da alma com o corpo.

Além disso, ela preocupa-se com o fato de Deus, que organiza a matéria, ser uma razão tão transcendente que Sua compreensão só será possível por meio de uma razão da mesma proporção. Deus não pode ser uma abstração humana. Na concepção dela, tudo o que Deus faz deve estar de acordo com a Sua sabedoria divina. As nossas limitações epistemológicas são uma caracterização de nossas dificuldades acerca do conhecimento da visão de Deus sobre o mundo. Com isso, ela continua:

[3] Por que você pensa que "não existe uma substância completa criada sem extensão", ou que a alma (que você supõe uma substância distinta) seria sem o corpo uma substância incompleta sem extensão, eu não entendo; mas tenho minha própria crença de que não há substância que não seja extensa (como eu já disse). Fundamentada nisso, afirmo que não tenho nenhuma concepção de tal coisa. Ainda não posso conceber duas substâncias muito diferentes para estar no universo, em que a extensão concorde igualmente com as duas. Já que concebo claramente uma extensão sem solidez e uma extensão sólida; algum sistema é duradouro, se for afirmado que Deus anexou o pensamento, então não vejo nenhum absurdo nisso, pois não há nada em extensão e impenetrabilidade ou solidez de onde o pensamento possa derivar naturalmente, ou por uma série de causas, o que eu acredito ser demonstrável, mas isso não pode ocorrer. Isso nunca foi suposto por mim; e minha pergunta no caso seria a seguinte: se Deus não poderia conceberivelmente por nós criar uma substância não extensa e depois uni-la a uma substância extensa (que, aliás, existe, parece, do seu lado, duas dificuldades) - se Deus, eu digo, não poderia ser concebido por nós como faria isso, acrescente (se ele quiser) o poder de pensar que nessa substância tem solidez. Sendo a solidez e o pensamento, os dois, atributos de alguma substância desconhecida, e não vejo porque não seja a mesma base comum de ambos, não me parece haver

contradição na coexistência de pensamento e solidez na mesma substância. Tampouco posso [eu] entender que seja mais inexplicável que Deus pense em uma substância que eu não conheça, mas que conheça alguns de seus atributos, que exista em outra suposta substância de cujo próprio ser eu não tenho nenhuma concepção. E que qualquer substância que deva ter pensado pertencer a ela, ou dela resultar, senão como Deus quis que assim o fizesse, não posso entender. (MASHAM, 1997, p. 217, tradução nossa).

A existência de substâncias criadas sem extensão ou almas sem corpos ser uma substância incompleta é um problema exposto por Masham. Nessa discussão aqui ela responde à provocação de Leibniz a respeito da existência de organismos sem extensão. A provocação de Leibniz é o levantamento da hipótese de haver uma substância não extensa e depois estar unida a uma extensão, sendo esta substância e todos os atributos dela compreendidos como uma mesma substância criada por Deus. Estamos diante do argumento da unicidade, pensado por Masham. Por este motivo:

Masham diz a Leibniz que ela não pode formar uma ideia positiva de substância não extensa e, portanto, ela não tem nenhuma concepção “de onde possa afirmar, ou negar, qualquer coisa referente a isso”. Por outro lado, ela tem alguma concepção de duas substâncias, uma de extensão sem solidez, a outra de extensão sólida (BROAD, 2004, p.134, tradução nossa).

A ideia de uma extensão sem solidez e de uma extensão sólida são concepções de substâncias pensadas por Masham e essa é a grande novidade dela. Ela rechaça a argumentação cartesiana da matéria, como também rechaça uma argumentação ateuísta da matéria. Logo, uma substância sem extensão é um argumento que trata da possibilidade de como uma substância pode ou não ser conhecida, ela tem em mente como é possível que uma substância sem extensão ou uma extensão sólida possa ser apreendida como atributos da substância. Neste ponto, Masham parecia não estar convencida da argumentação de Leibniz. Mesmo assim, Lady Damaris está preocupada em não ser cansativa com seu correspondente. Além disso, havia um ponto que, ao ser tratado com Leibniz, promoveu uma alteração substancial na forma como ela pensava, trata-se do argumento da possibilidade de reconciliação do sistema da harmonia preestabelecida com a liberdade dos seres:

[5] Assim que escrevi esses meus pensamentos, tenho medo de cansá-lo por causa da minha dificuldade expressada. Por isso, renunciarei a tomar notícia de tudo o que me ocorreu ao considerar as várias partes de sua carta ou a fazer quaisquer outras investigações, como talvez, se estas fossem resolvidas; talvez eu possa, de alguma forma, esclarecer para mim mesma. Entretanto, mencionarei agora uma dificuldade (como eu imagino) em sua hipótese, que acho que não poderia jamais extraí-la sem a sua ajuda, e é para mim uma questão muito material, a saber, como reconciliar seu sistema com a liberdade ou o livre arbítrio; pois, embora em relação a qualquer compulsão por outras causas, estamos de acordo com ela, ainda não vejo como podemos ser assim em relação ao primeiro motor. Eu omiti essa observação na minha última

carta, não apenas porque eu achava muito distante uma pergunta para alguém que queria ser esclarecida sobre o próprio fundamento sobre o qual você construiu, mas também porque eu devo reconhecer que eu não posso usar nossa liberdade com ou sem qualquer hipótese que seja. Embora, estando convencida de que me considerava uma agente livre, e que a liberdade de agir seja necessária para sermos responsáveis por nossas ações, não apenas concluo que somos dotados disso, mas também sou muito persistente, daí lamento encontrar a partir de qualquer nova hipótese, novas dificuldades em manter isso. Acho que não preciso muito justificar para você a parte que possui minha inclinação nesta opinião, pois o que você disse por escrito me convence de que tem a mesma crença com o mesmo viés (MASHAM, 1997, p.218, tradução nossa).

Damaris Masham acreditava que o argumento da harmonia preestabelecida seria uma hipótese de Leibniz apenas para justificar os conceitos dele de substância e liberdade humana. A reconciliação entre o sistema de Leibniz e a liberdade é uma relação apontada na argumentação de Leibniz cuja solução está em Deus, embora Masham não veja isso de forma tão concreta. A liberdade do sujeito é necessária para a ação livre e, por isso, Masham acredita estar convencida que ambos têm perspectivas semelhantes. Leibniz responde que a unidade substancial orgânica é essencial para a matéria e que a infinita sabedoria sabe como ela opera. Não há descuidos na obra de Deus, nesta direção, átomos não são possíveis pois a beleza da multiplicidade é limitada pela concepção do atomismo moderno e pelas teses mecanicistas modernas. Assim, os organismos monadológicos pensados por Leibniz devem existir porque segundo ele Deus nunca poderia ser extenso. Logo, toda substância criada é acompanhada de extensão e não há nenhuma totalmente separada da matéria. Assim, Leibniz admitiu a possibilidade de substâncias sem extensão como um arranjo argumentativo apresentado no debate. Essa provocação feita por Leibniz dá-se pelo fato de que Locke, que estava na casa da Lady Masham, era da opinião de que seria possível a existência de substâncias não extensas. Damaris tinha uma noção de substância não extensa e expõe sua posição sem incomodar o seu visitante, o que demonstra sua genialidade em temas filosóficos. Logo, no sistema de Leibniz a matéria sem alma não era uma ficção impossível. Já com relação à liberdade, em resposta a Damaris Masham, Leibniz argumenta que as ações das substâncias simples são espontâneas e essa espontaneidade não prejudica em nada as escolhas livres.

Por esta razão, podemos perceber que Masham tem uma forma própria de fazer filosofia:

Seu objetivo é promover a sabedoria de Deus contra as imputações do ocasionalismo e afirmar a harmonia e a ordem que Ele estabeleceu no mundo. É por isso que as opiniões de Masham têm semelhanças com as de Astell. Ao defender a teoria da natureza das formas de seu pai, Masham enfatiza as conexões, relações e interações entre matéria e espírito. As coisas materiais

não são radicalmente separadas ou separadas dos espíritos e de Deus. Assim como Astell se baseia na ideia de uma faculdade das formas conectando a alma ao seu corpo material, Masham também enfatiza os aspectos espirituais das coisas materiais. (BROAD, 2004, p. 132-133, tradução nossa).

Assim, o objetivo da filosofia de Masham é promover a sabedoria de Deus, a ordem e a harmonia divina no mundo contra as teses mecanicistas e ocasionalistas instauradas pela modernidade. Masham coloca em evidência os aspectos espirituais das coisas materiais, tornando-se uma forte opositora do cartesianismo e do ateísmo na metafísica moderna. Por isso, as correspondências dela com Leibniz foram uma oportunidade importante para Lady Masham expor suas ideias acerca da natureza das formas, bem como das relações e conexões possíveis entre matéria e forma. Ela conclui que há uma profunda conexão entre corpo e alma, que os principais teóricos da modernidade não compreendiam bem esse problema e, por isso, mesmo tendo suas leis próprias, o corpo e alma estão estritamente relacionados.

### **Conclusão**

O fato é que Damaris Masham conhecia indiretamente a filosofia de Leibniz através do *Journal des savants*, primeiro periódico de circulação científicas, onde Leibniz discutiu a filosofia de Ralph Cudworth. Ela discorda de Leibniz em vários aspectos, principalmente do princípio da harmonia preestabelecida, da natureza das substâncias e da questão do livre arbítrio. As correspondências entre Leibniz e Damaris Masham permitem que ambos exponham suas teses filosóficas. Masham não abandonou a filosofia platônica e se aproximou do pensamento de Locke. Assim, nossa conclusão é que as críticas de Damaris Masham a Leibniz têm como ponto forte o tratamento dado por ele ao argumento das substâncias não extensas. Para Damaris Masham, o argumento leibniziano da relação entre alma e corpo, apesar de ser razoável sob certa perspectiva, carecia de uma explicação mais convincente. Essa correspondência entre Damaris e Leibniz nos faz repensar a possibilidade de um novo sistema filosófico antimecanicista na modernidade. Por fim, acreditamos que Damaris Masham não saiu convencida do debate filosófico com Leibniz, tendo feito várias ressalvas. Isso nos leva a crer que a filosofia da Lady Damaris Masham seja reconhecida como um pensamento filosófico forte e original, tendo em vista que em nenhum momento ela evitou um ponto desconfortável em todas as suas discussões filosóficas, mantendo sempre a postura crítica contra todo o abstracionismo em filosofia.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BROAD, Jacqueline. *Women Philosophers of the Seventeenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUDWORTH, Ralph. *The true intellectual system of the universe: the first part; Wherein, all the Reason and Philosophy of Atheism is confuted; and Its impossibility demonstrated*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Friedrich Frommann Verlag, 1964.

MASHAM, Damaris. *A Discourse concerning the love of God*. Londres: Awnsham and John Churchil, 1696.

MASHAM, Damaris. *Occasional Thoughts in Reference to a Vertuous or Christian life*. Londres: A. and J. Churchil, 1705.

MASHAM, Damaris Cudworth. *Leibniz's 'New System' and Associated Contemporary texts*. Tradução e edição: Woolhouse, R. S. & Francks, Richard. Oxford: Claredon Press, 1997.

WOOLHOUSE, R. S. & FRANCKES, Richard. *Leibniz's 'New System' and Associated Contemporary texts*. Oxford: Claredon Press, 1997.